

Da Infocomunicação ou uma abordagem interdisciplinar¹

Armando Malheiro da SILVA²
FLUP e CICTCEM
Luis Borges GOUVEIA³
UFP e CITCEM

RESUMO

Esta temática resulta de estudos começados em 2004 quando se procurou a raiz epistemológica da expressão divulgada em Informática de “tecnologias da informação e da comunicação”. A pesquisa apresenta levantamento e análise de uma bibliografia epistemológica e académica sobre as *Sciences de l’Information et de la Communication*

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Doutor em História Contemporânea de Portugal pela Universidade do Minho, aprovado com distinção e louvor, é graduado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa. Tem pós-graduação em Biblioteconomia e Arquivologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pelo trabalho desenvolvido em mais de uma década de intensa cooperação científica praticada no domínio da Ciência da Informação e Documentação, Arquivologia, Museologia, Comunicação, Literacia da Informação e Plataformas Digitais destaca-se no Brasil como professor convidado, pesquisador-colaborador, orientador e consultor ad hoc em projetos científicos e programas de Mestrado, Doutorado e Pós-doutoramento de diversas universidades, a exemplo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade de São Paulo (USP), onde integra equipes de estudos em Arquivologia e Ciência da Informação e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde integra grupo de pesquisa interdisciplinar sobre informação e imaginário. Participa como membro de bancas de dissertações e teses de Programas de Mestrado e Doutorado nas universidades portuguesas (Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, Universidade de Évora e Universidade Católica Portuguesa), da Espanha e do Brasil. Nestes mais de vinte anos dedicados ao ensino, pesquisa e extensão já publicou inúmeros livros, capítulos de livros, artigos científicos para revistas nacionais e estrangeiras. Participa como palestrante de Congressos Nacionais e Internacionais discutindo os rumos das Ciências Sociais e Ciências Humanas. E-mail: armando.malheiro@gmail.com

³ Possui graduação em Licenciatura em Matemáticas Aplicadas/Informática pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique (1989), mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (1994) e doutorado em Ciência da Computação pela Universidade de Lancaster (2002). Atualmente é professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa, Portugal. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Ciência da Computação, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologias de informação e da comunicação, sociedade da informação, *distance learning*, *information technologies* e cidades e regiões digitais. E-mail: lmbg@ufp.edu.pt

desencadeada em Franca em 1974 através de um manifesto apresentado na *Maison de l'Home* por três destacadas figuras francesas: Roland Barthes, Robert Escarput e Jean Meyrat. Essa interdisciplina que foi se instalando nas Universidades francesas, inspirou o desenvolvimento em Portugal, a partir de 2008, do programa doutoral conjunto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, designado “Informação e Comunicação em Plataformas Digitais”, assim como certas iniciativas orgânicas na Faculdade de Letras, com a criação em 2007 do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação. Um caminho em curso que tem como objetivo, apesar da nítida distinção entre o perfil profissional do gestor da informação (ou de conteúdos e também bibliotecário, arquivista e documentalista) e a atividade jornalística e mediática, há, em um nível mais profundo, fenomenológico (natureza humana) um vínculo conceitual indissociável: não é possível investigar a comunicação sem explorar teórica e metodologicamente a informação e não é possível avançar na compreensão disto sem uma postura profundamente interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias da Comunicação, Epistemologia da Ciência da Informação e Infocomunicação

Muito mais que um conceito operatório...

Nas décadas de oitenta e noventa do século passado a expressão “tecnologias da informação e da comunicação” tornou-se “viral”, isto é, generalizou-se entrando em todos os “espaços” de escrita e de fala significando uma evidência: a invenção tecnológica que surgirá no pós-Segunda Guerra, composta de *hardware* (equipamento electrónico) e *software* (código lógico-matemático ajustado àquele equipamento ou máquina), orientou-se claramente para operações de cálculo, de transmissão de textos e imagens com vista a uma partilha de um para muito e de muito para muitos em simultâneo em lugares diferentes. Para tal ocorrer foi preciso ligar os computadores a uma rede telemática e, assim, surgiu a internet, configurando uma realidade logo batizada por autores vários de forma sugestiva: ciberespaço, espaço de fluxo (“galáxia internet”) ou infoesfera.

As TIC, como rapidamente se abreviou, traziam, em si, uma conotação fortemente mecanicista, por se tratar de tecnologia, facilmente reduzida ao domínio específico da engenharia, mas é preciso reconhecer a existência implícita, subtil até, de uma implicação semântica que ia muito para além da esfera material ou mecânica. Os dois termos – informação e comunicação – postos a par tinham referentes próprios, distintos. Através de um *médium* (tecnológico) criavam-se, guardavam-se e dispunham-se para partilha em pequena ou grande escala conteúdos humanos (ou seja, criados e usados pelos seres humanos).

Esta conotação implícita ou muito discreta passou desapercibida e a isto não foi estranho o impacto que a equivocada “teoria da Informação”, mais propriamente designada “teoria matemática da transmissão de sinais” de Claude Shannon e Warren Weaver (1948), teve na comunidade científica em geral, impressionando e condicionando filósofos e cientistas sociais, nomeadamente os que se dedicaram ao estudo da comunicação. No entanto, a controvérsia ganhou forma e densidade, graças a contributos vários vindos das ciências da linguagem, da psicolinguística, das ciências cognitivas, da antropologia, da sociologia e da filosofia. Toda esta maré crítica trouxe para um plano radicalmente humano e social a análise dos termos/conceitos sem os desvincular, obviamente, do cada vez mais extensos “húmus” tecnológico.

A palavra informação tem o seu étimo latino *informatio*, derivado de *informare*, dar forma a algo, e comunicação deriva do latim *comunio*, comunhão partilha de algo (concretamente de sentido). Basta só este recuo etimológico para se descobrir uma estreita complementaridade semântica entre os dois termos e sua referenciação à natureza e conduta humanas. Sobre o conceito informação Rafael Capurro (2003) a solo e com Birg Hjørland (2003) deixou-nos um precioso exercício monográfico que não tem réplica equivalente para da comunicação.

A clarificação conceitual é um imperativo indispensável para barrar as fáceis derivas confucionistas (SILVA; GOUVEIA, 2023: 39-58). Aliás, vale a pena referir o livro PUF de Fernand Terrou, intitulado *L’Information* (1962) e onde conta que o termo ao ser redescoberto, no século XIX, passou a significar a imprensa, o periodismo e, por esta apropriação (fiel, curiosamente, ao significado etimológico – dar forma a um

acontecimento), converteu-se, inevitavelmente, em sinónimo de comunicação social⁴. Uma apropriação redutora que os informáticos viriam a cometer, em meados de novecentos, como referimos supra, ao confundirem codificação de impulsos elétricos com transmissão contínua de sinais.

Se pretendemos operar com esses dois conceitos – informação e comunicação – sobre o modo de ser e de viver do *Homo Sapiens* é necessário aceitar uma definição para cada um ou para os dois na sua especificidade e complementaridade. Em 2002, foi proposta uma definição de informação (SILVA; RIBEIRO, 2002: 37) que incluía a extensão comunicacional, sendo, hoje, assumível para infocomunicação: “conjunto estruturado de representações mentais codificadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada”. Era, assim, expressamente reconhecido que nem toda a informação é partilhada com o outro, mas tende a sê-lo, ou seja, constitui-se para poder ser entendida e absorvida por qualquer ser humano em condições linguísticas adequadas. Posteriores arranjos conduziram a definição a esta versão atual: conjunto estruturado de representações racionais e emocionais codificadas (símbolos, signos) modeladas socialmente, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (analógico ou digital) e de serem partilhadas de forma síncrona ou assíncrona, uni ou multidireccionada.

Conceituada, de forma o mais densa possível, a infocomunicação tem de servir para colocar cientistas da informação, especialistas em comunicação e tecnólogos a explorar, de forma intensamente interdisciplinar, um campo de pesquisa semeado de casos, temas e problemas que emergem da imbricação dos contextos de produção de conteúdo (representações), bloqueios no acesso a eles, adequação ao suporte digital e sua comunicação/partilha através desse meio.

⁴ Como consequência dessa sinonímia passou a sobrevalorizar-se o estudo da comunicação, estendendo a abordagem para fora do campo estritamente humano. Vale a pena referir o impacto que teve a Escola de Palo Alto (Califórnia), corrente de pensamento e de pesquisa surgida nos anos sessenta, em alternativa à teoria mecanicista de Shannon e Weaver, e que encarou a comunicação como um processo social e cultural não linear, pondo em evidência as possibilidades comunicacionais de outras espécies. É interessante notar que, cinco séculos antes, já Michel de Montaigne, nos seus Ensaíes, antecipou esta perspectiva através da sua gata: “A breve interação de Montaigne com a gata é um dos momentos deliciosos dos Ensaíes, além dos mais importantes. Capta a sua crença de que todos os seres partilham um mundo comum, mas que cada criatura tem a sua forma de o compreender: “Montaigne está todo nesta frase despreocupada”, escreveu um crítico. A gata de Montaigne é tão celebrada que inspirou um artigo académico e uma entrada no *Dictionnaire de Montaigne*, de Philippe Desan” (BAKEWELL, 2022, p. 152).

E-infocomunicação ou o objecto de uma interdisciplina...

Em 2014 foi publicado um livro com o título original “e-Infocomunicação: estratégias e aplicações”, com a particularidade de ser um produto coletivo de docentes e discentes de um programa doutoral (curso de pós-graduação) em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD), ministrado em parceria pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro (2008-2022). A obra constituiu-se como uma oportunidade de lançar o conceito aglutinado de infocomunicação, que continua ausente da Wikipédia ao contrário de outros como educomunicação, com o prefixo e de electrónico ou mais exatamente de digital, uma vez que superando o propósito semântico das TIC pretendeu-se valorizar a presença do digital nas nossas vidas em todas as dimensões, sem que se esqueça por um segundo que essa presença é fruída e operada humanamente. Por mais simbióticas com o humano que as máquinas se tornem o ativo remanescente e essencial continuará a ser as pessoas!...

Trazer à colação esse trabalho feito em âmbito académico é oportuno porque se trata de um marco num percurso complexo que se faz no seio da academia e dos especialistas em informação e comunicação e que começou nos anos setenta em França com o projeto das *Sciences de la Communication et de l'Information* (SIC-1974), visando uma resposta epistemológica diante do que Robert Escarpit (1976) designou por “Tempo dos Engenheiros” e uma resposta formativa universitária nova para um mercado profissional heterogéneo em que pontificavam os jornalistas e comunicadores sociais, os animadores culturais, museólogos e documentalistas (cientistas da informação). Este modelo expandiu-se e enraizou-se nas Universidades francesas, mas do ponto de vista da epistemologia prática almejada não superou certos escolhos, o principal dos quais o predomínio da Sociologia impeditivo de um desenvolvimento efetivo, autónomo e profundo da interdisciplina SIC.

Contudo, esta é a crítica que a iniciativa francesa recebe por parte dos Autores do capítulo 2 (inserto na parte 1 – “Novos paradigmas: transições e fundamentos”), intitulado “As ciências da comunicação e da informação: casos e desafios de uma interdisciplina” (2014, p. 49-77), contrapondo a esse modelo epistemológico e formativo um outro mais ajustado à realidade portuguesa, marcada, desde logo, pelo

facto de que só na década de oitenta os jornalistas passaram a ter uma graduação universitária, instituindo-se, a partir de então, na classificação geral de ciências aceite pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, a classe de ciências da comunicação, adotando-se no início do séc. XXI a área da Ciência da Informação, conseqüentemente, veio a ser pedida a formalização da interdisciplina pela ordem cronológica da sua adoção no contexto português. Mas o importante a destacar como contribuição desse capítulo. Condensado perto do final:

Devemos, por isso, procurar o papel estratégico das C.C.I. e seu reforço interno no que, desde 2008, vem sendo possível construir em estreita colaboração com as sucessivas séries de doutorandos-investigadores com os seus projetos de tese. Trata-se de um conjunto significativo de projetos de pesquisa sobre problemas concretos relacionados, na sua maioria, com a temática específica da e-infocomunicação. Uma temática que não esgota a agenda de pesquisa geral que Bernard Miège esboçou, em tempos, para as C.I.C. (em França) e que, em boa medida, podemos partilhar no âmbito do caso português das CCIs. Vale a pena (...) lembrar a proposta de Miège (2000), publicada pela primeira vez em 1995:

a articulação entre os dispositivos tecnológicos da comunicação e a produção das mensagens e do sentido;

a “inserção social” das tecnologias e, particularmente, a atividade dos usuários-consumidores no aperfeiçoamento dos dispositivos;

a atenção aos “procedimentos” de escrita das mensagens (icónicas, sonoras, gráficas...) e das condições que presidem a sua concepção e realização;

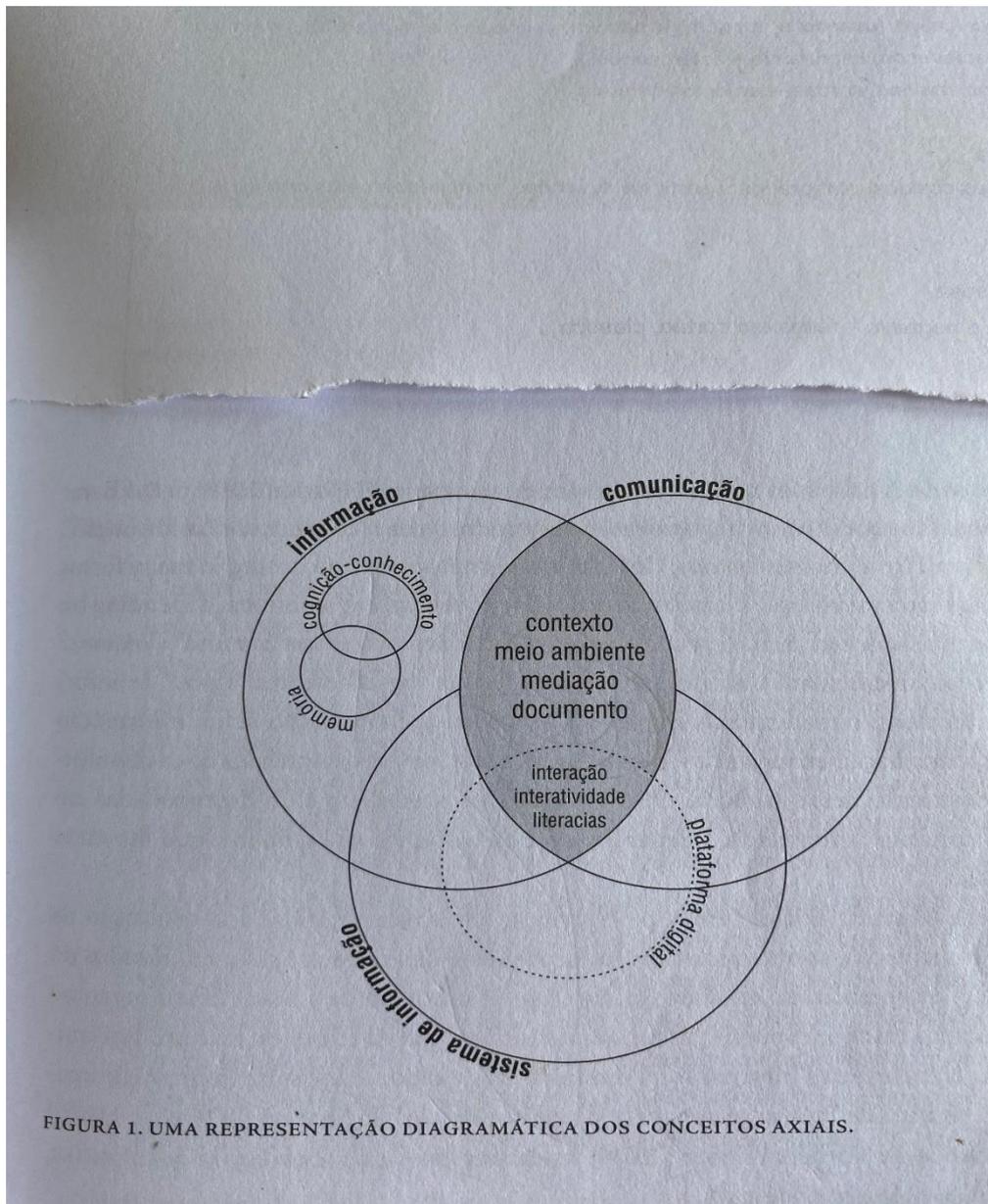
a dimensão sociológica, política e económica das atividades informacionais e comunicacionais que dão lugar a inovações e experimentações de novos suportes;

o estudo das mudanças ocorridas nos processos de mediação que, segundo é lembrado oportunamente por Bernard Lamizet, “tem como papel desencadear, no campo dos intercâmbios comunicacionais, relações e formas de comunicação, que não se reduzam a formas intersubjetivas, mas que sejam formas acessíveis e abertas a todos”. Em suma, a mediação tem por função evitar que, no campo social, se instaure uma lógica de relações de força (MIÈGE, 2000, pp. 123-125) (e-infocomunicação, 2014: 71-72).

Um contributo que, como veremos adiante, teve proveitoso desenvolvimento na quase centena e meia de teses elaboradas no seio do ICPD e que está balizado por dois constructos essenciais à consistência da interdisciplina em pauta. No capítulo 1, Helena Santos (e-infocomunicação, 2014: 25-47) apresenta e caracteriza dois macros paradigmas dentro dos quais a e-infocomunicação é modelada: o paradigma da complexidade (Edgar Morin) e o paradigma tecnológico ou informacionalismo (Manuel Castells), sendo que a articulação dos dois possibilita evitar ou, pelo menos, criar alertas contra o risco de reducionismo, nomeadamente à deriva mecanicista ou pró-

singularidade (agentes inteligentes e autônomos face ao humano). No capítulo 3, deparamos um oportuníssimo “painel” de conceitos definidos de maneira não fechada, mas clarificadora a fim de serem “ferramentas” úteis no processo metodológico de pesquisa. Dispostos num diagrama de maneira a perceber-se a centralidade de alguns, particularmente de informação e comunicação, e a subsidiariedade de outros como mediação tecnológica, interação e sistemas de informação/plataformas digitais

Figura 1 – Diagrama da Informação e da Comunicação



Fonte: e-infocomunicação, 2014, p. 81.

A primeira parte da obra enquadra operativamente a segunda (“Manifestações e emergências”) preenchida com uma amostra de teses em curso no ano da edição. Dez capítulos, dez exemplos de aplicação do quadro interdisciplinar proposto (e-infocomunicação, 2014, p. 125- 377):

Competências infocomunicacionais: um conceito em desenvolvimento (125—144);

Literacias digitais e educação: relato de uma experiência de integração das TICs em escolas públicas de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, Brasil (145-168);

Informação e comunicação em plataformas digitais: novos desafios para o sistema prisional português (169-199);

Literacias digitais dos cursistas do programa Redetor - USP: construção de um percurso multimetodológico de investigação (201-225);

Rede de projetos: uma experiência de exercícios de autonomia e de cidadania em rede – do acesso ao engajamento (227-247);

Conexões sem fio à internet, mobilidade urbana e convergência digital: estudo de caso nos telecentros do ACESSA SP (249-268);

Produção audiovisual para plataformas digitais interativas: os desafios do gênero documentário (269-290);

A Difusão da web social: o caso dos vídeos musicais (291-327);

A Adoção de mídias sociais como estratégias comunicacionais por museus: soluções e tendências (329-347);

Artefatos tangíveis e adaptáveis (ATAs) no ambiente doméstico (349-377).

Uma leitura atenta destes estudos parcelares enriquece a reflexão teórica sobre os meandros infocomunicacionais do comportamento humano e social em contextos digitais.

“Passos” seguintes...

Um passo crucial é o dar continuidade à agenda de pesquisa desenvolvida no âmbito do ICPD e que a amostra publicada em livro ilustra bem. No capítulo 2 de *e-infocomunicação* (2014), em anexo (pp. 75-77), é possível aceder aos títulos das teses propostas até 2014⁵, o que ajuda e muito a compreender a natureza e extensão do campo interdisciplinar da infocomunicação.

⁵ Estas teses e as que se seguiram até 2022 são acessíveis nos repositórios da FLUP e da Universidade de Aveiro.

Em ligação estreita com esse passo basilar há um de ordem mais epistemológica que precisa ser encetado e que tem a ver com o ajuste das teorias da informação e, sobretudo, da comunicação à problemática infocomunicacional com envolvente digital.

Explicitando melhor, tome-se, desde já, a famosa e equívoca teoria de Shannon e Weaver que impactou a produção teórica no campo das ciências sociais e da comunicação, em particular, causando aceitação e dúvida crítica em Autores (filósofos e sociólogos), como a obra de Robert Escarpit (1990) e a de Raymond Ruyer evidenciam.

O aprofundamento crítico tardou a consumir-se e, hoje, é maior o consenso da inaplicabilidade da teoria mecanicista e seus derivados para se compreender a dinâmica informacional, sendo imperioso nunca perder de vista a forte e densa presença do contexto humano, social e tecnológico (tudo sempre bem entrelaçado). Evidência importante que retorna bem visíveis os laços estreitos da informação com o arsenal teórico da Psicolinguística e com a Semiótica, elos fortes, no plano teórico, que amarram informação à comunicação.

E se dirigirmos o foco para o leque de teorias da comunicação e dos *media*, usando como guia autorizado Jorge Pedro Sousa (2006) temos muito material para usar reflexiva e criticamente com o campo da infocomunicação. Interessa, desde logo, reter que o Autor num item sobre conceitos de comunicação e informação faz-se eco de uma perspectiva muito adotada pelos comunicólogos: “É preciso notar que nem toda a comunicação, entendida como troca de mensagens, comporta informação. Um poema, uma música, uma canção, podem comunicar e exaltar sensações, estados de alma, emoções, mas, geralmente, não informam, a menos que sejam emitidas com um propósito informativo, diferente do seu propósito original” (SOUSA, 2006, p. 22), acrescentando: “(...) A situação narrada mostra também que a partilha da informação necessita de um suporte comunicacional para se efetivar, isto é, a informação da comunicação. Não há informação sem comunicação. Mas, como vimos, num sentido lato pode existir comunicação sem haver troca de informação (por exemplo, quando várias pessoas partilham experiência)” (SOUSA, 2006, p. 22).

Neste sentido, este arrazoado percebe-se num parágrafo a seguir, em que o Autor aceita o ponto de vista da Teoria Cibernética (ou da Informação), segundo o qual a informação é uma medida de incerteza ou de entropia num sistema; ela é quantificável e lógica. Por outro lado, o Autor retoma o sentido que Fernand Terrou, citado no começo

desta comunicação, confinando informação a algo que informa, dá notícia de um facto, de uma ocorrência. Acepção transposta facilmente para o jornalismo enquanto atividade profissional. O exemplo que o autor deu para distinguir os conceitos de comunicação e de informação merece ser evocado: a canção Grândola Vila Morena, música e letra criada e cantada por Zeca Afonso, carregada de sentido original, como não podia deixar de ser, por se tratar de uma representação racional e emocional codificada (informação), serviu de senha aos militares revoltosos que no dia 25 de abril de 1974 derrubaram a ditadura salazarista-marcelista instaurada em 1933. A canção tem um sentido original que nem todos serão capazes de partilhar, ou seja, captar o sentido original dado pelo cantor autor e isso não impede que outro sentido lhe tenha sido agregado através de uma operação de codificação circunscrita a um grupo limitado de infocomunicantes.

Não cabe, aqui, a exploração crítica das conceituações e da explanação de modelos e teorias da comunicação apresentadas por Jorge Pedro Sousa, mas é desafiante propor aos colegas da comunicação que sejamos capazes de analisar e debater tais conceitos, modelos e teorias tendo como contraponto a e-infocomunicação tal como a definimos atrás. Uma consequência imediata é que conseguiremos, assim, superar reducionismos datados (informação é notícia) e entrar no mundo complexo e rico que autores, como o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1963) souberam ajudar-nos a descortinar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKEWELL, Sarah. **Como viver**: a vida de Montaigne. Quetzal. 2022.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação**. Perspectivas em Ciência da Informação. V. 12, n. 1, 2003. pp. 148-207.
- E-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: SENAC, 2014.
- ESCARPIT, Robert. **Théorie générale de l'information et de la communication**. Hachette. 1976.
- FLUSSER, Vítém. **Língua e Realidade**. São Paulo, 1963. São Paulo: Annablume, 2007, 3ª ed.
- PASSARELLI, Brasalina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Orgs.).
- RUYER, Raymond. **La cybernétique et l'origine de l'information**. French edition. E-book. 2021.
- SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication (1948-1964)**. The University of Illinois Press. Disponível em: https://pure.mpg.de/rest/items/item_2383164/component/file_2383163/content
- SILVA, Armando Malheiro da; GOUVEIA, Luís Borges. (Des) infocomunicação ou a busca do sentido original. In: **A História na Era da (Des) informação**. LOPES, Marília dos Santos (Coord.). Col. Povos e Culturas. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023, pp. 39-58.
- SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo formativo. Edições Afrontamento. Porto: CETAC. Media, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de teoria e pesquisa da Comunicação e dos Media. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- TERROU, Fernand. **L'Information. Coleção Que sais-je?** Vol. 1000. Presses Universitaires de France-PUF, 1962.